

SE NÃO TEM NOTA, NINGUÉM FAZ: O NOVO ENSINO MÉDIO PELOS ESTUDANTES NO RIO DE JANEIRO

<https://doi.org/10.5902/2318133887734>

Bruno Gawryszewski¹
Isabela Felipe²
Amanda Rodrigues Gonçalves³
Luana Brito de Carvalho⁴

Resumo

O presente texto tem como objetivo analisar a repercussão da implantação do Novo Ensino Médio – NEM – na rede pública do Estado do Rio de Janeiro, entre estudantes do segundo ano do ensino médio em 2023. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo em cinco escolas públicas, em que foram aplicados questionários e grupos focais. As principais conclusões é que o NEM tem sido objeto de muita contestação pela diminuição de espaço das disciplinas consolidadas em detrimento de componentes curriculares inovadores que pouco sentido tem acrescentado aos jovens. Palavras-chave: ensino médio; estudantes; trabalho e educação; juventude.

IF THERE'S NO GRADE, NOBODY DOES IT: THE NOVO ENSINO MÉDIO BY STUDENTS IN RIO DE JANEIRO

Abstract

The present text aims to analyze the repercussion of the implementation of the Novo Ensino Médio – NEM – in the public education system in the State of Rio de Janeiro among second-year high school students in 2023. Therefore, field research was carried out in five public schools, in which questionnaires and focus groups were applied. The main conclusion is that the NEM has been the

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: brunogawry@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7974-1711>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: belafelippe01@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4325-0360>.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: amanda.arg10@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0009-0004-7314-2998>.

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: luanabc30@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0009-0003-8040-2674>.

Crerios de autoria: os autores, coletivamente, realizaram a concepção, criação e consolidação do artigo.

Recebido em 16 de maio de 2024. Aceito em 6 de julho de 2024.



subject of much controversy due to the reduction of space for established subjects at the expense of innovative; curricular components that have added little meaning to young people.

Key-words: high school; students; work and education; youth.

Introdução

Neste artigo, apresenta-se resultados parciais de uma pesquisa em andamento em escolas da rede estadual fluminense acerca da implementação do Novo Ensino Médio – NEM. No presente texto, o objetivo foi delimitado por um recorte de trazer a repercussão do NEM entre os estudantes do 2º ano do ensino médio de cinco escolas públicas.

Desde a promulgação, primeiro da Medida Provisória n. 746/2016, e depois da lei n. 13.415/2017, o NEM tem sido objeto de muita controvérsia por boa parte da comunidade escolar e acadêmicos da universidade. Mais especificamente entre os estudantes das escolas públicas, as reportagens difundidas na imprensa dão conta de que a implementação do NEM, em particular dos chamados itinerários formativos, tem sido assimilado pelos estudantes como uma perda de tempo pela falta de propósito.

Nesse sentido, tem-se como objetivo analisar como os estudantes interpretam a repercussão do NEM para a sua formação escolar e suas projeções futuras, a partir de eixos como: a grade curricular implementada, o funcionamento da escola em si, as expectativas em torno do futuro profissional ou acadêmico e a participação da família na sua vida escolar.

Aspectos sobre espaços de participação da juventude no trabalho e educação

É bastante comum encontrar definições de juventude que se limitam a classificá-la uma faixa etária, geralmente entre os 15 e os 29 anos e que representariam um período de transição entre a infância e a vida adulta madura. Esse tipo de definição pode ser útil para fins práticos, como a implantação de políticas públicas, mas é insuficiente para compreender a complexidade do fenômeno da juventude.

Em particular, o período de início do que se denomina como juventude, a adolescência, grupo etário que corresponde aos participantes da pesquisa de campo, é um período marcado por mudanças físicas, psicológicas e sociais, em que simultaneamente os adolescentes costumam passar por inúmeras descobertas, experiências e construção de sentidos para suas vidas. Por isso mesmo é que os jovens começam a questionar as normas e valores estabelecidos pela família e pela sociedade. Eles buscam construir sua própria identidade e autonomia. É um período de experimentação, de descobertas e de construção de novos significados, por isso mesmo, um período de tensões devido ao questionamento de normas, valores e significados que são estabelecidos pela família e pela sociedade como um todo. Foracchi (1972) nos guia a pensarmos que esse período, em tese, de tantas situações que surgem aos jovens, é também especialmente difícil, devido ao choque de gerações, daquilo que os adultos esperam dos mais novos, e do que jovens aspiram para si ou, ao menos, do que rejeitam.

Já existe certo consenso de que a categoria juventude é histórica e socialmente construída e que tem características próprias a partir do seu tempo histórico e cultural, assim como o fato de que há uma pluralidade de maneiras em que os jovens experienciam

a vida e constroem suas identidades. Como se trata de um fenômeno complexo e multifacetado, é preciso salientar que há uma vasta produção sobre a categoria sociológica juventude. Isto porque, se não há uma forma única de se viver a juventude, os jovens constroem seu modo de ser jovem (Carrano, 2002 *apud* Simões, 2007). Por outro lado, outros autores vão compreender que, embora haja diferenças fundamentais entre os modos de ser jovem, a terminologia no plural corre o risco de obscurecer a totalidade produzida pelas relações sociais de produção capitalista, fragmentando a juventude em agrupamentos aos quais “cada questão específica e particular é encaminhada para ter políticas focalizadas e compensatórias”, enfatizando que “ao tratar a juventude no seu devido contexto, e não de forma idealista e abstrata, a pluralidade está contemplada” (Tilton; D’Agostini, 2020, p. 12).

Para além da questão terminológica, embora não haja uma juventude homogênea, a condição etária juvenil orienta condutas e a relação dos jovens com o mundo. Groppo (2021, p. 301) compreende que, “a classe social é elemento fundamental para compreender as experiências da condição juvenil no cotidiano e no extra-cotidiano, como os protestos juvenis, ou seja, a maneira como jovens da mesma faixa etária vive sua condição juvenil está largamente permeada pela relação de classes como fator explicativo da realidade social.

Outro aspecto a ser destacado como participação dos jovens brasileiros na sociedade é a situação no chamado mercado de trabalho. A partir de 2015, assolado pela crise da reprodução de capital, o desemprego teve um salto latente, saltando de 7,9% no primeiro trimestre de 2015 para 13,9% no mesmo período em 2017. A maneira encontrada pelo bloco no poder para supostamente arrefecer essa situação foi a aprovação da reforma trabalhista, lei n. 13.467/2017, e a lei de ampliação da terceirização, lei n. 13.429/2017. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do segundo trimestre de 2019 constatou que a taxa de desocupação da população entre 18 e 24 anos estava em 25,8%, mais do que o dobro dos 12% da média total (IBGE, 2019), patamar que tem se mantido superior a 25% há pelo menos quatro anos. Quatro anos depois, o mesmo levantamento constatou uma queda na desocupação dos jovens de 18 a 24 anos para 18%, mas ainda assim, mais do que o dobro da média geral de 8,7% (Pilar, 2023).

Diante de um patamar de elevada precarização das relações de trabalho, a elevação da escolarização costuma ser mobilizada como um fator para aspirar melhores condições de vida. Para isso, é preciso ultrapassar a linha divisória do ensino médio, o qual está passando por profundas modificações, como segue abaixo.

A implantação do NEM na rede estadual fluminense

A despeito da manifestação da maior parte dos sujeitos e coletivos educacionais em razão da redução da formação comum a todos, de 2.400 horas para 1.800 horas, na pulverização do currículo pelos itinerários formativos e nas condições de trabalho nas unidades escolares e desvalorização salarial, em dezembro de 2021 foi homologado o *Documento de Orientação Curricular do Rio de Janeiro* e, em janeiro de 2022, a resolução n. 6.035/2022 fixou as diretrizes para a implantação de matrizes curriculares para as escolas vinculadas à Seeduc/RJ. A partir de então, a maioria das disciplinas que constavam

na grade curricular fixa deixariam de estar presentes em todos os anos letivos e mesmo aquelas que a lei n. 13.415/2017 normatiza a sua obrigatoriedade nos três anos de ensino médio, como Língua Portuguesa e Matemática, tiveram seus tempos semanais reduzidos (Rio de Janeiro, 2022a).

Quadro 1 –
Matriz Curricular vigente pelo Novo Ensino Médio.

Área de Conhecimento	Componente curricular	Carga horária semanal			Carga horária anual			Total
		Série			Série			
		1 ^a	2 ^a	3 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	
Ciências da Natureza e Suas Tecnologias	Biologia	2	2	0	80	80	0	160
	Física	2	2	0	80	80	0	160
	Química	2	2	0	80	80	0	160
Matemática e suas Tecnologias	Matemática	4	3	3	160	120	120	400
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	Filosofia	2	0	0	80	0	0	80
	Geografia	2	2	0	80	80	0	160
	História	2	2	0	80	80	0	160
	Sociologia	0	0	2	0	0	80	80
Linguagens e suas Tecnologias	Arte	0	2	0	0	80	0	80
	Educação Física	2	0	2	80	0	80	160
	Língua Portuguesa/Literatura	4	3	3	160	120	120	400
	Língua Inglesa	2	0	2	80	0	80	160
Carga horária BNCC		24	18	12	960	720	480	2160
Itinerário Formativo	Eletiva 1 – Ensino Religioso ou Reforço Escolar	1	1	1	40	40	40	120
	Eletiva 2 – Estudos Orientados ou Língua Espanhola	1	1	1	40	40	40	120
	Eletiva 3 – X/Y (Catálogo) ⁵	2	2	2	80	80	80	240
	Projeto de Vida	2	2	2	80	80	80	240
	Componente de Área 1	0	2	4	0	80	160	240
	Componente de Área 2	0	2	4	0	80	160	240
	Componente de Área 3	0	2	4	0	80	160	240
Carga horária itinerário formativo		6	12	18	240	480	720	1440
Carga horária total		30	30	30	1200	1200	1200	3600

Fonte: Rio de Janeiro, 2022.

Na primeira semana de aula em 2022, as escolas precisaram definir o componente curricular Eletiva 3, que se trata de um catálogo com mais de 100 opções. Segundo a secretaria, foi construído a partir da sugestão dos próprios profissionais das escolas em 2021, mas que, por diversos relatos coletados na pesquisa, esse processo ocorreu sem muito tempo na maioria das escolas e que funcionou como forma de minimizar danos que resultassem de que seus professores tivessem que complementar sua carga horária semanal em outra escola.

⁵ Catálogos de Eletivas Seeduc, 2022, <https://novoensinomedio.educacao.rj.gov.br/pdfs/catalogo-eletivas-2022.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2022.

Conforme pode ser constatado, componentes curriculares como Projeto de Vida e a Eletiva 3 passam a compor a grade curricular nos três anos de ensino médio, além dos chamados Componentes de área, que pertencem às trilhas de aprofundamento⁶, tem sua carga horária a partir do segundo ano do ensino médio e, no terceiro, tem inclusive carga horária maior do que Matemática e Língua Portuguesa. As trilhas de aprofundamento abarcam tanto uma ênfase específica de uma área de conhecimento quanto de mais de uma área. No currículo do ensino médio regular, os estudantes precisarão passar por três componentes de área. Segundo a Seeduc/RJ, ocorreu uma votação pela equipe pedagógica de cada escola, a partir de um quadro de opções para cada itinerário formativo (Rio de Janeiro, 2022b). Daí a definição do que cada escola iria ofertar foi decidida em reunião no início do segundo semestre letivo de 2022 em caráter de urgência nas unidades escolares⁷. Foi dado prazo de uma semana em agosto de 2022 para que os estudantes optassem sobre qual seria sua escolha quando realizassem sua matrícula de renovação para o segundo ano, ainda que, conforme foi apurado, nas escolas que tivemos contato, esse processo não se deu com muitas explicações aos jovens (Gawryszewski; Pereira, 2023). Abaixo, um exemplo de trilhas formativas que compõem o itinerário de Linguagens, na trilha denominada Mídias: linguagens em ação.

Quadro 2 –

Itinerário de Linguagens e suas Tecnologias – Ensino Médio Regular.

Componente Curricular	Objetivos
O que rola por aí?	Explorar e interagir com as diversas formas de expressão utilizadas no universo digital, como: fotografias, jogos eletrônicos, reportagens, vídeos, áudio, redes sociais, desenhos gráficos, entre outros, posicionando-se criticamente frente a essas representações.
De olho na rede digital!	Identificar e compreender as linguagens utilizadas nas diferentes mídias nacional e internacional, percebendo a intencionalidade e as adequações utilizadas dentro de um determinado contexto para promover a interação social.
Ação! Está em suas mãos!	Participar de núcleo de estudos para a produção de mídias, utilizando diversos gêneros (reportagens, podcasts, roteiros, notícias, campanhas, gamificação etc.), considerando o protagonismo dos estudantes.

Fonte: Rio de Janeiro, 2022b.

⁶ Segundo a resolução CNE/CEB n. 3/2018, que atualizou as diretrizes curriculares para o ensino médio, os itinerários formativos são o conjunto de unidades curriculares ofertadas pelas instituições e redes de ensino; já as unidades curriculares, são elementos com carga horária pré-definida que podem ser organizadas em áreas de conhecimento, disciplinas, projetos etc. (Brasil, 2018). Portanto, no presente artigo, interpreta-se que as chamadas trilhas de aprofundamento se equivalem às unidades curriculares.

⁷ Os relatos foram compartilhados em uma assembleia do Sindicato dos Profissionais da Educação do Estado do Rio de Janeiro (Sepe/RJ), realizado em agosto de 2022, além de interlocução pessoal com docentes da rede estadual.

Os estudantes de primeiro ano, que praticamente cursaram na totalidade os dois últimos anos letivo do ensino fundamental de maneira remota (2020 e 2021), com uma aprendizagem defasada e uma sociabilidade alterada pelo distanciamento social. Ao se depararem com a volta às aulas em 2022, precisaram se readaptar ao ambiente escolar que, por sua vez, passaria por transformações que se desencadeariam ao longo do percurso dos três anos do ensino médio, o que será exposto na seção a seguir.

Procedimentos metodológicos da pesquisa de campo

Nesta seção, será explorada a pesquisa de campo realizada em cinco escolas públicas da rede estadual vinculada à Seeduc/RJ. Por se tratar de uma interação direta com seres humanos, a realização desta etapa do projeto de pesquisa foi submetida e aprovada por um comitê de ética em pesquisa vinculado à Plataforma Brasil através do parecer nº 5.487.812, em junho de 2022. Conforme estabelecido e pactuado com os participantes, as unidades escolares e a própria Seeduc/RJ, o anonimato será garantido aos indivíduos e as escolas.

Os resultados aqui expostos se referem ao recorte de uma pesquisa em andamento que foi realizada nas escolas entre agosto e outubro de 2023 com estudantes do segundo ano do ensino médio. A delimitação dos participantes pertencerem ao segundo ano se dá em função da pesquisa ter um caráter longitudinal, pois o seu marco temporal é o ano de 2022 em que esses estudantes estavam no primeiro ano e que a pesquisa pretende acompanhar até a finalização das suas trajetórias no ensino médio, em 2024.

As cinco escolas se localizam no município do Rio de Janeiro, sob a supervisão da Diretoria Regional Metropolitana VI⁸; três delas funcionam em regime de horário integral, pelo menos sete horas diárias, e duas delas em horário de turnos parciais, cinco horas de jornada escolar, inclusive com ensino noturno. Nas escolas de horário integral, a matriz curricular está regida por alguma ênfase formativa⁹ preconizada pelos itinerários específicos, enquanto as escolas de turno parcial seguem a matriz curricular exposta no quadro 1, embora os chamados Componentes de Área sejam diferentes entre elas, pois foram selecionadas a partir de cada realidade escolar.

Com relação aos participantes, eles foram convidados a responder um questionário na própria sala de aula. O questionário tinha duas páginas, sendo a primeira tinha como objetivo traçar um perfil socioeconômico e familiar dos estudantes e a segunda indagava, através de perguntas dissertativas, sobre aspectos concernentes à formação escolar e projeções educacionais e profissionais. Ao total das cinco escolas, em média com duas a três turmas de segundo ano participantes por escola, a equipe de pesquisa obteve 242 questionários respondidos.

⁸ As localidades contempladas a cada uma das diretorias regionais podem ser consultadas na página <https://sites.google.com/educa.rj.gov.br/transparenciaseeduc/ouvidoria/diretorias-regionais>

⁹ Existe em torno de 100 modelos em vigência nas escolas da Seeduc/RJ, alguns em processo de terminalidade, outros iniciados a partir de 2022 com o NEM. Torna-se impossível seu detalhamento no artigo, por isso foi exposto na seção anterior apenas a matriz do ensino médio regular, já que abarca o maior quantitativo de escolas, mas, a título de exemplo, algumas das matrizes curriculares relacionadas ao NEM são: 'Novo Ensino Médio integrado – itinerário técnico em (administração, informática, edificações etc.); 'Novo Ensino Médio integral – itinerário (empreendedorismo, inovador, cívico-militar, línguas etc.), entre outros.

Após a leitura dos questionários, foram selecionados alguns estudantes por escola para compor um grupo focal, de modo que fosse possível aprofundar as questões respondidas de forma mais sintética nos questionários. A técnica de pesquisa de grupo focal tem como premissa a organização de um grupo de discussão a fim de dialogar sobre um tema em particular após receberem estímulos pertinentes a essa finalidade. Espera-se que haja um processo de interação entre o grupo sobre um assunto de interesse comum entre os participantes, em que se expõem crenças, valores e conhecimentos.

O critério primordial para delimitação dos estudantes a serem selecionados foi a autodeclaração de que tinham interesse em participar da etapa seguinte da pesquisa. Feito isso, como a intenção era delimitar no máximo nove estudantes por escola, foram levados em consideração alguns critérios como singularidades nas respostas dissertativas ou determinadas características do perfil socioeconômico e familiar, a fim de compor um grupo mais plural. As sessões de discussão tiveram duração de 30 a 50 minutos e tiveram participação de 37 estudantes.

Resultados e discussão

A exposição e discussão da pesquisa de campo se concentrará nos grupos focais, mas, resumidamente, pode-se afirmar que, dentre os 242 participantes, a expressiva maioria (173) estava dentro da faixa etária entre 16 e 17 anos, 233 se declararam homem ou mulher cis e quase dois terços dos estudantes se identificaram enquanto pardos ou pretos (153).

Em relação ao grau de escolaridade dos responsáveis, a grande maioria dos alunos concentrou suas respostas entre ensino fundamental e médio, e com a percepção, sem maior precisão estatística, de que suas mães possuem maior escolaridade do que os pais. As ocupações de trabalho mais citadas sobre os genitores, no caso dos pais, são condutores de veículos, tais como motorista de ônibus ou de aplicativo, em seguida de porteiro/zelador, pedreiro e trabalho no comércio em geral. Sobre as ocupações das mães a mais citada foi de serviços de limpeza e conservação, seguida por dona de casa e atividades ligadas ao comércio.

Cerca de 80% dos estudantes não possuem algum tipo de ocupação profissional ou não consideram enquanto tal, como o fato de alguns declararem que trabalham, mas não recebem, o que pode indicar trabalhos em negócios da família. Aqueles que declararam exercer algum tipo de trabalho remunerado, a expressiva maioria indicou como atividades autônomas, sem carteira assinada, ou trabalhos eventuais, sem continuidade e com renda média pessoal de até um salário mínimo. Entre os que responderam ter experiências laborais, mencionaram garçom, ajudante de pedreiro, operador de caixa, camelô e entregador por aplicativo.

Pelos grupos focais, obteve-se um desdobramento e maior precisão, como o previsto, das questões trazidas pelo questionário, como o tema das experiências desses jovens com o Novo Ensino Médio, por exemplo. Quando perguntados sobre suas percepções até o momento acerca do ensino médio, muitos alunos começaram suas exposições trazendo termos como “confuso”, “terrível” ou “cansativo”. Eles relatam sobre a quantidade excessiva das novas disciplinas denominadas “Projeto” – tais como Projeto de Vida, Projeto de

Pesquisa, Projeto de Intervenção e Pesquisa, Projeto de Intervenção e Empreendedorismo, por exemplo –, ou aquelas que compõem as trilhas formativas. Constatou-se como essas têm sido consideradas pouco úteis e desnecessárias, nas palavras dos próprios estudantes.

“Na minha opinião é um atraso enorme para os estudantes, porque a gente fica com... é praticamente aula de fofoca, pelo menos na minha turma é aula de fofoca, todas as eletivas são aula de fofoca. O que rola por aí, De olho na rede digital e mais alguma aí que eu não lembro. Geralmente é o que aparece pra mim no Instagram, é o que o professor leva pra sala. Aí tem um slide, ele fala sobre isso e lança o papo de umas cinco questões pra gente responder sobre isso. Pra mim é aula de fofoca.” (Estudante escola B)

“A grade de horário nesse sentido também é muito ruim. Porque a gente tem quatro tempos dessas eletivas numa semana e dois de matemática, dois de português. Não faz muito sentido.” (Estudante escola D)

“É terrível, porque tem umas matérias muito parecidas, as matérias novas e elas não influenciam em nada para mim.” (Estudante escola C)

A qualificação de um componente curricular como “aulas de fofoca” ou “alguma aí que eu não lembro” indica o que tem sido criticado como esvaziamento da grade curricular, na medida em que, não tem despertado interesse nos alunos, além de não proporcionar uma preparação mais específica para o futuro profissional ou para a realização de exames como o Enem – diversos alunos mencionaram ainda a possibilidade de precisar buscar outras formas de preparo fora da escola no terceiro ano. Tal esvaziamento reflete também a dificuldade dos professores em sistematizar conteúdo e formular programas para os componentes curriculares os quais não receberam qualquer formação, o que reverbera na própria percepção dos alunos quanto ao desempenho e empenho dos professores.

Dentro do curso de línguas, a gente tem Estudos Orientados. E assim, a gente não entende nem o que é que ela passa.” (Estudante escola D)

“A professora de projeto de vida já desistiu da gente. Ela não quer dar mais aula pra gente... Que brincadeira também, professor chegar na sala e todo mundo cagar pra ela, que era basicamente o que a gente tava fazendo. [...] pessoal entende dessa forma: tem nota? Não, então todo mundo caga.” (Estudante escola E)

“Só que esse ano, como o XXXX disse, são professores que não têm formação, que não sabem dar essa aula. Então, dá da forma que a escola aconselha, dá o mais básico possível. Aí, acaba ficando meio sem graça, e a gente acaba perdendo interesse pela aula.” (Estudante escola A)

A crítica às disciplinas inovadoras se soma ao fato de os estudantes terem perdido muitos tempos de aula das disciplinas tidas como tradicionais, pertencentes à formação comum prevista pela BNCC e que são cobradas no Enem. Algumas dessas disciplinas não constam na matriz curricular do segundo ano como Filosofia, Inglês e Educação Física, fato que não passou despercebido pelos jovens.

“Educação Física era uma coisa que era para a gente extravasar, sabe? Nosso momento de tempo livre e lazer. Só que tiraram isso da gente e a gente fica mais agoniado ainda na escola.” (Estudante escola D)

E é essencial educação física nas escolas. É essencial ainda mais nesse Novo Ensino Médio. Quando a gente descobriu que não tem educação física, acabou o mundo.” (Estudante escola D)

A gente não tem filosofia, eu preciso disso porque eu quero ser professor de filosofia, então acaba com o que eu vou estudar pro Enem.” (Estudante escola B)

Sem contar que, filosofia, sociologia, essas matérias assim, elas formam um ser pensante, ensina o adolescente a argumentar sobre o que ele quer e o que ele não quer.” (Estudante escola B)

Os alunos apresentam pontos divergentes quanto à estrutura das escolas, onde nos fora apresentado relatos positivos, enaltecendo a presença de recursos, como a sala maker¹⁰ climatizada, com diferentes tipos de materiais para serem utilizados, mas também pontos negativos, como a dificuldade para a conservação, as demais salas não climatizadas e a não utilização ou utilização em baixa frequência de certos espaços, como a própria sala maker. Torna-se, portanto, evidente que há uma incongruência entre a proposta pedagógica oficialmente baseadas nas metodologias ativas e a sua execução na prática. Ou seja, há, portanto, um esvaziamento de sentido para esses alunos, que acabam muitas das vezes não compreendendo sua própria grade curricular.

“Robótica é uma coisa boa, mas a escola não tem estrutura pra dar isso.” (Estudante escola B)

“Agente tá meio que vivendo isso em LAT. Tipo, que é Linguagem da Tecnologia, só que não tem computador, essas coisas na escola, e ela (a professora) acaba ensinando pra gente português.” (Estudante escola A)

Entende-se que o ambiente escolar deve proporcionar satisfação aos jovens estudantes, no sentido de ser um espaço de construção de aprendizado e adequado ao tempo histórico atual. No entanto, pode-se constatar que, frequentemente, ocorrem muitos tempos vagos na grade horária, seja porque a grade horária dos professores não se encaixa para distribuir as aulas em fluxo contínuo, seja por não haver professores alocados na escola.

“Às vezes também não tem como adiantar. Porque às vezes o horário do professor é só à tarde. E a gente fica no período da manhã sem aula. E fica de tempo vago sem fazer nada. Aí tem que ficar esperando.” (Estudante Escola D)

“Só que, por exemplo, ontem que foi quinta-feira, a gente teve quatro tempos vagos seguidos e a gente saiu 17h.” (Estudante escola B)

¹⁰ A sala maker é difundida pela Secretária de Educação como uma proposta de ser um espaço pedagógico que proporcione maior interação entre os estudantes através da utilização de equipamentos tecnológicos modernos, como impressoras 3D e Chromebooks.

“Então nesse exato momento a gente está sem professor de matemática.”
(Estudante escola C)

“A gente foi ter aula de biologia na metade do ano. A gente teve duas aulas de química.” (Estudante Escola E)

Em relação à participação dos responsáveis na vida escolar, embora muitos não tenham conseguido concluir o ensino médio, pode-se notar pelos relatos dos estudantes que eles se esforçam para que seus filhos tenham um bom desempenho, terminem a educação básica e anseiam que os mesmos estejam preparados para um futuro melhor, onde tenham a possibilidade de ajudar a família e ter uma condição de vida mais estável.

“No meu caso, minha mãe sempre ficou muito no meu pé, ela e meu pai são as pessoas que mais me apoiam em relação a estudo.” (Estudante escola C)

“Minha mãe também quer que eu termine o ensino médio, entre na faculdade. Qualquer coisa relacionada aos estudos, a trabalho.” (Estudante escola B)

Torna-se importante salientar que numerosos estudantes destacaram que suas famílias gostariam que eles ingressassem na educação superior. No entanto, foi possível perceber que diversos estudantes do segundo ano não dispõem de informações sobre os procedimentos para concorrer a um processo seletivo em universidade pública ou nas carreiras militares, bastante mencionada por eles. Esse desconhecimento torna razoável questionar de que maneira as disciplinas, tal como Projeto de Vida, tem efetivamente contribuído na formação desses jovens, mesmo que de ordem mais prática.

Apesar de tais considerações, os estudantes atribuem importância em frequentar a escola, inclusive no sentido de se apropriar de conhecimentos, mas, na maioria dos casos, atrelam tal fato a uma condição para que consigam ingressar no mercado de trabalho ou como uma maneira de não frustrar os seus familiares. Não houve menções explícitas por parte desses jovens em conectar a importância da permanência escolar ao seu próprio desenvolvimento pessoal, sem que isso esteja ligado a uma obrigação. Os resultados de pesquisa de Marcassa e Conde (2017) e Kreutzer e D’Agostini (2018), guardadas as particularidades de cada estudo, apresentam que, embora os estudantes mencionem explicitamente o sentido de se adquirir conhecimentos na escola, este sentido está pragmaticamente atribuído à sua aplicabilidade como ferramenta de obtenção de um trabalho, o que diz respeito à sua própria subsistência ou autonomia pessoal.

Houve fartos relatos de se sentirem exaustos devido a extensa jornada escolar, no caso dos estudantes das escolas em tempo integral, que apontam críticas à grade escolar que não opera de forma contundente e atrelada aos seus anseios, o que faz com que alguns explicitassem a possibilidade de trocar para uma escola em 2024 de tempo parcial, a fim de buscar um complemento que julgam mais eficaz para sua preparação escolar. Contudo, foi notório que, embora expressem a intenção em concluir seus estudos no ensino médio e até buscar um possível curso de graduação, um quantitativo expressivo demonstrou interesse ou necessidade de ingressar imediatamente no mercado de trabalho:

“Vale muito mais a pena estar estudando e trabalhando do que passar 10h do meu dia aqui.” (Estudante escola A)

“É vontade própria. É vontade própria. Tipo ter dinheiro próprio. Acho que desde já a gente pensa em ser independente, trabalhar, ter o próprio dinheiro. E tem que ter esse começo, né? Então, tipo... Acredito que estudar tanto assim não vai dar o que a gente quer.” (Estudante escola A)

“A gente procuraria um curso ou então trabalho, muita gente saiu daqui pra fazer isso, porque não tem tempo para fazer isso aqui.” (Estudante escola E)

“Nessa questão de independência, da questão financeira ou como experiência também né. O jovem aprendiz, a carga é mais baixa e tal. Pegar experiência também com base nos locais que a gente vai, as pessoas...a gente ficou um pouco impossibilitado de fazer isso. Porque a gente fica aqui até quase cinco horas fazendo essas matérias aí.” (Estudante escola E)

Embora uma parte significativa tenha declarado que já gostaria de estar trabalhando, obteve-se o relato de cinco adolescentes que de fato já estão exercendo uma atividade laboral. Suas ocupações são: assistente de recursos humanos, jovem aprendiz, atendente de lanchonete e dois camelôs. Destaca-se um depoimento que ressalta a condição de precarização do trabalho dos jovens:

“Só que não é, tipo, nada direito igual jovem aprendiz. É um negócio meio que largado. E eu sou, tipo, atendente de uma lanchonete. Só final de semana, sabe? E não é nada certo, é, tipo, um bico. Não tem nenhum direito. É só o seu salário. Eu trabalho 10 horas, faço 10 horas trabalhando no sábado e 10 horas trabalhando no domingo.” (Estudante escola A).

No tocante à taxa de informalidade entre os adolescentes de 15 a 17 anos, público majoritário com o qual dialogou-se na pesquisa, a relação de trabalho informal entre 2017 e 2019 esteve sempre acima do patamar de 80% da força de trabalho, demonstrando que essas pessoas mais jovens estão numa maior situação de vulnerabilidade trabalhista. Por isso, cabe a afirmação de que “o emprego informal se configura como a principal porta de entrada do emprego para os jovens” (Corseuil; Poloponsky; Franca, 2020, p. 21).

Portanto, temos um perfil de alunos que, mesmo que vislumbre ingressar na graduação, compreendem a necessidade ou desejo de possuírem certa autonomia financeira, inclusive apontaram suas realidades financeiras como um dos fatores impeditivos para conseguirem dar continuidade em seus objetivos. Ainda assim, foi possível constatar que, mesmo diante das dificuldades das suas realidades, esses jovens estudantes não perderam sua capacidade de aspirar sonhos e desejos.

Considerações finais

O presente texto, foi elaborado com o objetivo de conferir espaço de protagonismo aos jovens estudantes do segundo ano do ensino médio em 2023 a respeito da execução do NEM na rede estadual fluminense. Na seção de introdução, foi mostrado o estranhamento dos jovens estudantes com relação a esse projeto de ensino médio, desde

a deflagração do seu processo em 2016, e passando pela execução nos exemplos da rede pública paulista, em que os estudantes demonstravam sentimentos negativos por não se sentirem contemplados com essa política educacional.

Na seção seguinte, procurou-se abordar sinteticamente um panorama sobre o debate conceitual acerca da juventude e aspectos relacionados à espaços de participação dos jovens, tanto nos processos educacionais como sua difícil inserção no mundo do trabalho. Tal premissa leva a crer que o protagonismo jovem, embora seja um slogan reiteradamente mobilizado nos fundamentos educacionais contemporâneos, é objeto de atenção e controle pelos setores dominantes, pois sabem que a inserção de todos não é possível, então é necessário prepará-los não apenas para o desemprego, mas ajustar as subjetividades para um mercado flexível. Diante disso, a participação dos estudantes e de educadores em geral na formulação do NEM foi neutralizada de maneira a manter controle sobre uma política educacional que estabeleceria uma formação escolar que alijaria os jovens da escola pública do conhecimento historicamente sistematizado, conforme se evidencia na grade curricular da rede estadual do Rio de Janeiro.

No diálogo com os jovens estudantes, o que se pode notar é o fato de que os alunos demonstraram insatisfação quanto ao ensino médio, principalmente em relação aos componentes curriculares das trilhas formativas e as eletivas, pois destacam de forma enfática a diminuição da carga horária de disciplinas consideradas fundamentais para os discentes em suas aspirações futuras e a falta de sentido pedagógico nesses componentes tidos como inovadores. Para que um estudante entenda o propósito de um determinado conteúdo curricular, constatou-se a importância de que este consiga alguma interface ao cotidiano e a realidade daqueles indivíduos. Porém, diante dos relatos, os estudantes percebiam que frequentemente as aulas não pareciam ter um sentido de continuidade em relação a uma finalidade esperada, até porque, conforme também constataram, os próprios professores não se sentiam confortáveis em lecionar aqueles componentes curriculares.

Outro aspecto discutido foi o lugar de importância da escola e da formação escolar entre os estudantes e dos seus responsáveis. Embora a escola até seja sentida como um local que eles gostam de estar, há particularidades que os fazem se sentir insatisfeitos como a infraestrutura escolar que nem sempre está bem conservada ou que não pode ser desfrutada adequadamente, como a sala maker, ou os inúmeros tempos vagos que os retém na escola às vezes por nove a dez horas por dia. Apesar disso, tanto pelos estudantes, quanto por seus responsáveis, a escola ainda é vislumbrada como uma instituição necessária de preparação para a vida, ainda que frequentemente a ideia de adquirir conhecimento obedeça muito mais a um sentido pragmático-utilitarista – aquilo que é útil para ser aplicado de forma prática – do que como autodesenvolvimento das potencialidades humanas.

Na pesquisa que está em curso, uma das finalidades é aprender com os sujeitos que ocupam um lugar na escola pública de ensino médio, o que tem incluído direção escolar, professores e, no caso específico do texto, os estudantes. Embora isso não signifique renunciar a todo o arcabouço teórico-conceitual desenvolvido e reivindicado pela autoria do

texto no campo de debate da área de trabalho-educação, o exercício dessa pesquisa tem mostrado a importância de estar mais aberto e atento para ouvir o que os sujeitos que estão no chão da escola tem a dizer para conseguir interpretar a concretude de uma determinada política educacional.

Referências

BRASIL. *Resolução CNE/CP n. 3, de 21 de novembro de 2018*: atualiza as diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio. Diário Oficial da União, Brasília, 21 nov. 2018. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN32018.pdf. Acesso em: 6 abr. 2023.

CORSEUIL, Carlos Henrique Leite; POLOPONSKY, Katcha; FRANCA, Maira Penna. *Diagnóstico da inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho em um contexto de crise e maior flexibilização*. Brasília: Ipea, 2020.

FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: USP, 2018.

GAWRYSZEWSKI, Bruno; PEREIRA, Natália. A reconstituição do processo histórico do Novo Ensino Médio no Estado do Rio de Janeiro. *Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 30, 2023, p. 1-23.

GOMES, Alberto. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. *Eccos*, São Paulo, v. 7, n. 2, 2005, p. 275-290.

GUIMARÃES, Vinicius Oliveira Seabra; GROppo, Luís Antonio. Quando a juventude não é apenas uma palavra: uma releitura sociológica acerca da categoria juventude. *Cadernos de Pós-Graduação*, São Paulo, v. 21, n. 2, 2022, p. 5-18.

GROppo, Luís Antonio. Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016, realizada por Ronaldo Araújo e Mônica Ribeiro da Silva. *Trabalho Necessário*, Niterói, v. 19, n. 39, 2021, p. 287-305.

IBGE. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua – segundo trimestre de 2019*. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2019_2tri.pdf, acesso em 23 ago. 2019.

KREUTZER, Rafael Márcio; D'AGOSTINI, Adriana. A condição de vida e as expectativas de jovens do campo e da cidade frente ao trabalho, à educação e ao futuro. *Trabalho Necessário*, Niterói, v. 16, n. 30, 2018, p. 207-232.

MARCASSA, Luciana; CONDE, Soraya. Juventude, trabalho e escola em territórios de precariedade social. REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 38, 2017. Anais ... Rio de Janeiro: Anped, 2017.

MATHIAS, Maíra. Dois meses de ocupação. *Revista Poli*, 20 maio 2016. Disponível em: <https://www.epsiv.fiocruz.br/printpdf/6138>. Acesso em 6 jan. 2024.

MOTTA, Vânia; ANDRADE, Maria Carolina. Empresariamento da educação de novo tipo: mercantilização, mercadorização e subsunção da educação ao empresariado. *Revista Desenvolvimento e Civilização*, Rio de Janeiro, n. 1, 2020, p. 64-86.

PALHARES, Isabela. Alunos ficam sem aula de biologia, história e química no 3º ano do novo ensino médio em SP. *Folha de São Paulo*, 16 abr. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/04/alunos-ficam-sem-aula-de-biologia-historia-e-quimica-no-3o-ano-do-novo-ensino-medio-em-sp.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

PILAR, Ana Flávia. Desemprego entre jovens de 18 a 24 anos é mais de duas vezes superior à média nacional. *O Globo*, Economia, 22 nov. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/11/22/desemprego-entre-jovens-de-18-a-24-anos-e-mais-de-duas-vezes-superior-a-media-nacional.ghtml>. Acesso em 7 jan. 2024.

RIO DE JANEIRO. *Questionário de escuta dos profissionais de educação*. Rio de Janeiro: Seeduc, 2021a.

RIO DE JANEIRO. *Questionário de escuta dos estudantes*. Rio de Janeiro, 2021b.

RIO DE JANEIRO. Resolução Seeduc n. 6035 de 28 de janeiro de 2022. *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 4 fev. 2022a, ano XLVIII, n. 023, Parte I, p. 17-42. Disponível em: <https://novoensinomedio.educacao.rj.gov.br/pdfs/resolucao-6035.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2023.

RIO DE JANEIRO. *Catálogo itinerários formativos do novo ensino médio*. Rio de Janeiro: Seeduc/RJ, 2022b. Disponível em: <https://novoensinomedio.educacao.rj.gov.br/pdfs/catalogo-if.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SIMÕES, Carlos. *Juventude e educação técnica: a experiência na formação de jovens trabalhadores do Colégio Horácio Macedo/Cefet-RJ*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense.

TITTON, Mauro; D'AGOSTINI, Adriana. Juventude e pobreza: a educação e as políticas públicas sob o ideário do Banco Mundial no contexto do aumento das desigualdades sociais. *Perspectiva*, Florianópolis, n. 3, 2020, p. 1-23.

ZANIN, Matheus. Um desastre: grupo ajuda escolas a resistir à reforma do ensino médio. *UOL*, 25 out. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/rodrigo-ratier/2023/10/25/um-desastre-grupo-ajuda-escolas-a-resistir-a-reforma-do-ensino-medio.htm>. Acesso em: 12 dez. 2023.